

Isabel de Barros Rodrigues

O sujeito, o outro e a psicanálise: Considerações sobre a constituição psíquica

2012
Isabel de Barros Rodrigues

O sujeito, o outro e a psicanálise: Considerações sobre a constituição psíquica

Monografia apresentada como trabalho
de conclusão do curso de especialização
“Teoria Psicanalítica” da COGEAE/PUC– SP
sob a orientação da Profa. Dra. Adela Stoppel

COGEAE - PUC/SP
2012

INTRODUÇÃO	4
CAPITULO 1 – PULSÕES E DESTINOS DE PULSÃO	7
CAPITULO 2 – O NARCISISMO	11
CAPITULO 3 – AS IDENTIFICAÇÕES	14
CAPITULO 3 – OS COMPLEXOS DE ÉDIPO E DE CASTRAÇÃO	15
CAPITULO 4 – A NEUROSE: PATOLOGIA OU ESTRUTURA?	19
CAPITULO 5 – CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

Introdução

O advento da modernidade produziu uma mudança no estilo de vida do homem. A sociedade moderna passou a buscar compreender o mundo através da ciência com seu método experimental, valendo-se de explicações racionais para descrever os acontecimentos, de tal maneira que a explicação verdadeira passou a ser a que permitia controle sobre a natureza.

A razão surgiu, então, como alternativa para abarcar a angústia do homem através de explicações lógico-científicas que normatizavam acontecimentos e ajudavam a prever o que antes era imprevisível ou resultado da vontade divina. A tradição científica possibilitou o estudo dos comportamentos humanos enquanto fenômenos observáveis, descritos em sintomas que falam sobre o adoecimento do paciente.

Dentro desse contexto, a psicologia surgiu como tentativa de se entender comportamentos e atitudes do homem, sua existência e seu sofrimento. O final do século XIX e o início do século XX propiciaram um ambiente ideal para o desenvolvimento do estudo da psicologia, pois além das noções de causalidade físicas e houve o reconhecimento da causalidade mental.

Uma das áreas de estudo da psicologia contemporânea é a do desenvolvimento infantil. Entende-se que as crianças passam por um processo de desenvolvimento cognitivo, motor e emocional que compreende diferentes fases. A psicanálise é uma das matérias que fornece um conhecimento específico sobre a infância, construindo uma teoria sobre a constituição psíquica.

A psicanálise, campo clínico de investigação criado por Freud no início do século passado, possui um método de tratamento e um corpo teórico próprios. Enquanto disciplina

das ciências humanas e através da escuta da fala do sujeito, decifra as questões que são colocadas pelo indivíduo.

Admitindo-se que o sujeito não nasce formado e que precisa passar por um processo de constituição psíquica, é fundamental compreender-se o processo para se entender tal formação. Primeiramente, é necessário compreender que constituição psíquica diferencia-se dos conceitos de crescimento, maturação e desenvolvimento.

Entende-se por crescimento uma medida mensurável das mudanças do organismo. Já maturação é o processo de desenvolvimento anátomo-fisiológico do corpo em transformação no exercício de suas funções. Desenvolvimento, por sua vez, implica todo o processo de aquisições da criança em relação à aprendizagem, linguagem, psicomotricidade e hábitos. O desenvolvimento é dependente tanto da maturação biológica quanto da constituição psíquica.

A constituição psíquica é um processo mais complexo do que o desenvolvimento ou a maturação do organismo. Ela depende não só das mudanças orgânicas, mas também da *relação que o sujeito estabelece com o outro e com a cultura*. O ser inserido em um grupo tem sua existência social delimitada por códigos legais que procuram garantir a estabilidade do agrupamento. Por isso, entende-se que o sujeito depende da lei para se constituir. A transmissão dessa lei se inscreve no indivíduo deixando-lhe marcas. Uma explicação esquemática dos fenômenos psíquicos oferecida pela psicanálise formula uma cisão entre duas instâncias (Consciente e Inconsciente) através da incidência da linguagem. É nesse momento em que se inicia a formulação de uma concepção de subjetividade própria à psicanálise.

A compreensão de sujeito inaugurada por Freud afasta-se da compreensão clássica de sujeito racional. Isso porque o sujeito freudiano é entendido como sujeito de ordem inconsciente, afastado da determinação única da consciência. A consciência, portanto, é

apontada não mais como lugar da verdade, sede da razão, estando desde então sob suspeita, podendo produzir ilusões do sujeito sobre si mesmo. O conceito de narcisismo subverte essa concepção filosófica tradicional, revolucionando a ideia que o homem fazia de si mesmo. Esse descentramento produzido por Freud fez com que o Inconsciente e seus efeitos pudessem se tornar objeto de investigação.

Foi a partir da experiência clínica que Freud notou que as experiências vividas pelos sujeitos não eram simplesmente esquecidas, mas eram retiradas da consciência através do processo que ele chamou de recalque e podiam ser acessadas com a utilização de um método. Através da associação livre, os conteúdos inconscientes eram lembrados e podiam levar a uma (re)construção da história do sujeito e da origem dos sintomas.

É a partir da prática clínica que Freud desenvolve sua teoria como sustentação para a compreensão e cura dos sujeitos que trata. Sujeito esse considerado como sendo constituído não só por determinações biológicas, mas também sociais e culturais. Segundo Mezan (2002), a criação social, assim como a língua, as relações de parentesco e os valores ou métodos de trabalho são modelos identificatórios oferecidos pela sociedade a partir dos quais o indivíduo se organiza enquanto sujeito. São essas identificações que estão na base dos desejos, afetos e fantasias desse sujeito. Portanto, é possível afirmar que a psicanálise concebe um sujeito constituído a partir da *relação com o outro, em um processo que ocorre em um tempo dado*. Considerando a necessidade da construção de um aparelho psíquico que estruture esse sujeito, a psicanálise explorou a história da origem e da organização subjetiva dessa construção na infância.

Chegou-se então à compreensão da existência de outro corpo que não o biológico, nascido da relação com o outro e situado na fronteira entre o somático e o psíquico: o corpo erógeno. Chegou-se à compreensão da importância da sexualidade, outra também que a

genital e reprodutiva apenas, explicitada através do conceito desenvolvido por Freud de **pulsão**.

Considerando-se, então, que a formação de um sujeito não está prevista no conteúdo biológico ou decorre somente da influência de seu entorno, tendo em vista a importância do outro, quais são os fatores necessários para a constituição psíquica? E a que leva essa constituição? Quais os caminhos que o sujeito pode tomar frente às diferentes maneiras de se posicionar frente ao mundo?

Foram essas perguntas que nortearam a presente pesquisa. Pretende-se estruturar um estudo sobre a constituição psíquica segundo a psicanálise, tendo em vista a diferença entre o corpo biológico e o corpo erógeno, o papel das pulsões, do narcisismo e das identificações na constituição psíquica. Para isso, utilizaremos a neurose como pano de fundo para a descrição de um percurso lógico que caminha até a sua eleição.

1. A pulsão e seus destinos

A psicanálise propõe uma leitura do corpo que não corresponde àquela da ciência tradicional. O conceito de pulsão, criação freudiana, aparece como possibilidade de entender o entrelaçamento entre somático e psíquico. Isso significa dizer que, para a psicanálise, o corpo é um dos componentes da constituição psíquica, fornecendo a base para a constituição da sexualidade. O psiquismo, por sua vez, não é considerado pela psicanálise como instância dada *a priori*, mas sim como construção. O corpo serve ao psiquismo como apoio para a formação do sujeito.

Em seu texto *“Pulsões e destinos de pulsão”*, de 1915, Freud procura descrever sua teoria das pulsões, de maneira a estruturar uma “genealogia do corpo e das formas de subjetivação” (Birman, 2003). Este ensaio apresenta uma espécie de transição entre a primeira e a segunda formulação da teoria das pulsões, em que Freud tenta explicitar os processos psíquicos até então descritos em sua Metapsicologia.

Do ponto de vista econômico, o discurso freudiano enuncia um complexo de representações inconsciente que movimenta o sujeito: o desejo. Fruto de uma vivência de satisfação, o desejo é tendência a repetir uma atividade experimentada com intenso prazer, por exemplo, a primeira mamada. Sob a pressão da fome (pressão, fonte) que causa desprazer, à criança é oferecido o seio (objeto) que ela suga de maneira reflexa (instinto). Essa atividade de sugar e a saciedade da fome são vividas como prazer. Na próxima vez em que sentir fome, a criança começará por alucinar que está mamando, e a isso Freud chama de desejo... Além desse caráter alucinatório, o desejo tem também uma característica nostálgica, a repetição da

experiência como foi da primeira vez, recuperar algo que já foi, o que equivale a dizer – impossível!

A força que impulsiona o desejo, Freud chamou de pulsão. A pulsão, diferentemente do instinto, não possui um objeto específico nem comportamento pré-formado. Se o objeto do instinto (ou pulsão de autoconservação, como Freud o chama) é o leite, o da pulsão (sexual) é o seio (ou mamadeira, ou chupeta, etc). Compreende-se que o objeto da pulsão seja mais contingente que o do instinto. Evidencia-se, então, uma dualidade pulsional, campo de outro aspecto metapsicológico, o ponto de vista dinâmico, dos conflitos psíquicos.

Para Freud (1905), as pulsões não possuem qualidades e devem ser consideradas apenas na medida em que servem de exigência de trabalho na vida anímica. O que as distingue são suas fontes (processo excitatório de um órgão) e seus objetos (que podem mudar). A pressão é a mesma (a exigência de trabalho para o aparelho psíquico) e o alvo é o mesmo (realizar a ação específica que suprima o desprazer) para todas.

Inicialmente em sua obra, Freud considera que o aparelho psíquico funciona segundo o princípio de constância. O aumento de quantidade (pulsão) é sentido como desprazer, sua diminuição como prazer. Fonte, força e objetos pulsionais se articulariam regulados pelo imperativo de um princípio de prazer. Um possível conflito na dualidade pulsões de auto-conservação e pulsões sexuais impediria a consecução do prazer e conseqüentemente elevaria o nível de tensão no aparelho, a causa do surgimento de sintomas.

À medida que Freud passa a polarizar o psiquismo entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, as pulsões de auto-conservação passam a ser vistas como também podendo ser erotizadas e reguladas pelos imperativos do prazer e não mais apenas pelas

exigências da realidade. Assim, as pulsões seriam sempre sexuais, mudando apenas o objeto (o eu ou os objetos externos).

O psiquismo, por sua vez, apareceria miticamente como constituição que regulará a excitação pulsional, uma vez que o organismo não possui sistema regulador próprio. Segundo Birman (2003), há uma exigência de acolhimento e transformação da pulsão para que a energia produzida não seja simplesmente eliminada através da descarga, pois isso levaria à morte do organismo. Esse acolhimento dependerá inicialmente e de modo provisório, segundo o autor, de *um outro* capaz de acolher o desprazer sentido pela criança e transformá-lo em experiência de satisfação.

Considerando que ao nascer a criança experimenta uma não integração primordial – uma vez ainda não há uma imagem própria do corpo – as necessidades do bebê deverão ser interpretadas por um outro experiente que o acolhe, a mãe ou alguém que exerça essa função. O nascimento provoca desconfortos que são nomeados pela mãe. Essa inscrição no campo da linguagem, juntamente com os cuidados que ela oferece, são condições necessárias para a estruturação subjetiva.

As pulsões, então, apoiadas na necessidade orgânica de conservação da vida, terão origem em zonas do corpo ainda não integradas como unidade. Dentro de uma relação afetiva com a mãe, o bebê destacará da satisfação da necessidade a satisfação pulsional que ultrapassa a função instintiva.

Essa compreensão introduz uma importante diferenciação entre a concepção de corpo biológico e de corpo erógeno. Segundo Freud (1905), o que é próprio do humano se afasta do simplesmente biológico. O autor propõe uma diferenciação entre o que se relaciona com o instinto (*instinkt*) e o que é propriamente humano e se relaciona com a pulsão (*trieb*). Enquanto

o instinto é a ativação de um comportamento biologicamente previsto, a pulsão é o representante psíquico dos impulsos somáticos que possui uma força constante, tem por finalidade obter prazer e não possui um objeto específico.

Freud (1905) afirma que “é possível que nada de maior importância ocorra no organismo sem fornecer seus componentes para a excitação da pulsão sexual” (p.105), atestando assim a importância do impulso libidinoso na vida dos indivíduos. O corpo erógeno, portanto, é uma construção que se ergue com base na natureza do organismo e não algo constituído desde o início da vida.

Nesse sentido, é possível compreender a descrição psicanalítica da sexualidade humana. Para Freud, sexualidade não se encerra na compreensão da genitalidade. O autor afirma que todo o processo de uma vida erógena baseia-se na busca por satisfação e se inicia precocemente na vida do indivíduo.

A ação de acolhimento da mãe erotiza o corpo do bebê o que, aos poucos, faz distinção entre as noções de interior/exterior. Após um momento inicial de erotização do corpo, o bebê começa a encontrar satisfação em seu próprio corpo. É por isso que Freud (1905) caracteriza a sexualidade infantil como auto-erótica.

Freud chama de “perversa polimorfa” a sexualidade pulsional infantil, que se caracteriza pela parcialidade das zonas erógenas. A satisfação, nesse momento, ocorre de modo não organizado e ligado apenas às partes estimuladas em cada zona erógena (boca, ânus, genital). A vida pulsional infantil encontrará uma primeira organização a partir da constituição de uma imagem unificada do corpo, o que é explicitado através do conceito de narcisismo.

2. O narcisismo

Considerando o auto-erotismo como fase da constituição psíquica, entende-se que a constante satisfação das pulsões das diferentes zonas erógenas participa da construção de um corpo erotizado a medida em que esse movimento materializa a força pulsional como corporeidade (Birman, 2003). Essa dinâmica produziria uma marca psíquica, através da incorporação, na efetivação do contorno corporal (dentro e fora). Sendo assim, a primeira representação de “eu” é corporal.

Miguel (2007) afirma que três diferentes “eus” serão postulados na teoria freudiana, a partir da oposição entre três polaridades: eu/objeto, prazer/desprazer e ativo/passivo. Segundo o autor,

“O primeiro eu é qualificado como “eu realidade inicial”, capaz de distinguir interno de externo mediante ação muscular. A ele segue-se o “eu-prazer purificado”, produto da projeção no exterior do desprazer e da incorporação do prazeroso no interior. Constitui o momento narcisista por excelência. Só depois o eu fará oposição ao objeto, e prazer e desprazer significarão relações do eu com os objetos.” (p. 101)

Uma imagem unificante do corpo só é possível através da validação pela nomeação do mesmo pelo adulto. Para isso, é necessário um investimento narcísico parental que antecipa o sujeito no bebê (Zornig, 2008). Isso significa que é necessário que os pais olhem para a criança como sujeito para que essa criança, posteriormente, se reconheça como tal.

Segundo Zornig (2008), é a mãe que oferece ao bebê uma dimensão subjetiva além de um corpo biológico, como um sujeito dotado de importância para o outro. Segundo a autora, o “narcisismo implica na possibilidade de amar e reconhecer um corpo que foi investido e erotizado por um outro na infância”. Assim, as etapas de desenvolvimento libidinal propostas por Freud (1908) podem ser entendidas não apenas como momentos do desenvolvimento da criança, mas também como inscrições no psiquismo da criança.

Esse momento inicial do narcisismo é conhecido como primário. A imagem da criança produzida na relação com os pais produz uma onipotência primária em que esta imagem fica registrada como “eu ideal”. Através da introjeção, a criança constitui uma imagem unificada total de si mesma. Ao mesmo tempo, a descoberta dessa alteridade (eu sou esse outro dessa imagem), segundo McDougall (1999), resulta em frustrações para a criança e instala sentimentos ambivalentes com relação aos outros: se por um lado essa imagem de mim é a inscrição desse desejo do outro por mim, por outro coloca a questão – ‘se eu sou este outro, então sou nada’, o que seria a fonte da agressividade do ser humano. A ideia de incorporação de Freud fala disso: devorar o outro é colocá-lo dentro de mim, suprimir sua existência separada (amor e ódio).

Em um processo natural de desenvolvimento libidinal o investimento no eu passa a ser cedido aos objetos. Tais investimentos nos objetos podem se manter, se deslocar para outros objetos ou regredir ao eu ao longo da vida (narcisismo secundário). A escolha de objetos (de amor) pode seguir diferentes modelos. No caso das escolhas narcísicas de objeto (Freud, 1914), o modelo para relação do sujeito com o objeto é aquele que ele estabelece consigo mesmo, com o que foi uma parte de si.

Parte do amor-próprio que se observa em uma fase adulta é resultado desse narcisismo infantil devido a grande dependência que o “sentimento de si” possui com a libido narcísica. Contudo, sua origem não se limita a isso, tendo origem relacionada igualmente a outras partes como no cumprimento do ideal do eu – uma vez a onipotência sendo confirmada pela experiência – e ainda pela satisfação proveniente da libido objetal.

As escolhas “anaclíticas” (ou por apoio) de objeto, por outro lado, teriam como modelo as primeiras relações objetais do sujeito, em geral as relações com os pais: escolhe-se a mulher que alimenta ou o homem que protege.

Considerando, portanto, a dualidade pulsional libido do eu e do objeto, considera-se que quanto mais se emprega um dos investimentos libidinais mais se empobrece o outro. Segundo Coelho Jr. (2001), tanto os movimentos que buscam no objeto externo como os que buscam no próprio sujeito a realização do desejo tem como modelo as marcas estabelecidas no aparelho psíquico e seus registros afetivos e representacionais.

3. As identificações

O deslocamento da libido seguirá um rumo a partir da percepção de uma crítica dos pais com relação à criança. A transformação dos investimentos de objeto em identificações com os traços desses objetos contribui para a formação do eu. O eu ideal internalizado funciona como norteador das idealizações para as quais o sujeito se voltará.

Segundo Miguez (2007), a identificação e a escolha de objeto são duas maneiras do sujeito se aproximar dos objetos. Segundo o autor, “o fato do laço identificatório poder ser anterior a qualquer escolha de objeto marcará a modalidade de identificação chamada “primária” (p.130)”. A relação com o objeto, portanto, primeiramente ocorre através de um primeiro laço afetivo em que o ser se confunde com o ter.

A partir da primeira vivência de satisfação e do surgimento do desejo, instaura-se uma relação do sujeito com o objeto que tem a incorporação como modelo inicial para a identificação. Segundo Freud (1915), “o primeiro desses estágios divisamos no incorporar ou devorar, um tipo de amor comparável com a abolição da existência separada do objeto, e que portanto pode ser designado como ambivalente” (p.79).

Assim, fica posto que a incorporação alcança a identificação, ao mesmo tempo em que traz consigo a relação ambivalente com o objeto. O resultado da identificação seria uma introjeção do objeto ao eu, assim como sugerido por Freud em *Luto e Melancolia* (1917[1915]).

Posteriormente, ocorrerá uma identificação secundária com o objeto, onde ser e ter se tornam ações diferentes, mas onde a possibilidade de ter o objeto faz com que o sujeito siga um caminho regressivo da identificação primária. Portanto, a identificação possibilita a escolha de objeto, ao mesmo tempo em que é ocasionada por ela. A escolha de objeto sofre o peso das relações parentais, a quem o sujeito se identifica inicialmente. É por isso que podemos considerar que o sujeito é efeito das pessoas que ele ama, considerando que há uma transformação da libido objetal para a libido narcisista a partir do investimento em objetos amados.

Compreende-se, então, que o eu é resultado do contato das pulsões com o mundo externo. Os investimentos libidinais passam do eu para os objetos para depois retornarem em um movimento identificatório que os trazem de volta ao eu. Segundo Miguelez (2007), “a possibilidade de substituir objetos será um assunto de muita importância no contexto da problemática edipiana e também um elemento fundamental no processo sublimatório” (p.132)¹.

4. Os Complexos de Édipo e de castração.

Segundo Faria (2010), entende-se por complexo de Édipo o “conjunto de relações que a criança estabelece com as figuras parentais” (p.16). É a partir dessas relações que os caminhos da sexualidade adulta do sujeito se definem. Freud (1920[1905]) afirma que ele representa o complexo nuclear das neuroses, uma vez que representa o ápice da sexualidade infantil.

Faria (2010) afirma que o complexo de Édipo baseia-se em três pressupostos: a existência de uma sexualidade infantil pulsional; a elaboração de teorias infantis que buscam dar sentido a essa sexualidade e a mãe como objeto primordial de amor. A partir dessas

¹ Além de ter levado Freud, através do estudo das identificações, ao estabelecimento da segunda tópica.

premissas, Freud (1924) descreveu o deslocamento do investimento do amor na figura materna para a busca de outros objetos, bem como as causas e consequências desse processo.

Para Freud (1924), o complexo de Édipo é um fenômeno inconsciente que se constitui em um momento de passagem. Esse fenômeno mobiliza pulsões, afetos e representações da criança relativos aos pais. Aparece estritamente relacionado ao complexo a noção de castração, como função interditora e normativa que se apresentará de maneiras distintas na menina e no menino.

A partir de uma premissa fálica universal, a criança posiciona-se frente à mãe. A pergunta “de onde vêm os bebês?” aparece então como disparadora de uma pesquisa sexual que reposicionará a criança em sua sexualidade. Segundo Silveyra (1999), as teorias sexuais infantis “fazem parte das respostas que a criança irá montando ante a confrontação com o enigma da diferença sexual” (p.33). É a partir do reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos que a criança reconhecerá como verdadeira, segundo Freud, a ameaça de perda do pênis. O pai é colocado como figura capaz de tornar essa ameaça real. Essa re-significação da perda do pênis, segundo Faria (2010), marca a passagem da premissa fálica ao complexo de castração.

Silveyra (1999) também afirma que a diferença entre as respostas encontradas pela criança e aquelas dadas pelos adultos marcam um encontro traumático que ocasiona a “ruptura psíquica que constitui o núcleo da neurose” (p.34). No contexto do Édipo, essas teorias serão recalçadas e reaparecerão como sintomas. As respostas evasivas dos pais causam um furo no saber, uma proibição do que falar e saber. Há, ao mesmo tempo, uma ilusão infantil de que o adulto sabe algo que lhe é proibido. Rompe-se, então, com o narcisismo dos pais a partir do apontamento de que eles não sabem. É aí que se inicia uma investigação da criança para saber de si.

A transposição do complexo de Édipo implica em diferentes destinos para a menina e o menino. Segundo Freud (1924), o motor dessa movimentação é a angústia de castração. Diante da possibilidade de perder o falo – representado pelo pênis – o menino abandona (recalca, sublima e inibe) o desejo pela mãe e evita uma posição passiva em relação ao pai. A mãe está proibida, o menino pode escolher, mais tarde, entre as outras mulheres sua parceira.

A menina, por outro lado, vê-se privada do falo representado pelo pênis, e responsabiliza a mãe por isso, voltando-se então para o pai para receber dele o que não recebeu da mãe, oferecendo-se como objeto do desejo dele e frustrando-se, finalmente, por não receber dele também o dom que almejava (na forma de um filho). Assim, a menina também abandona o desejo pela mãe, trocando-o pelo desejo do pai e acaba se separando deles para se dirigir a outro homem e receber dele o que esperou receber do pai.

Percebemos, então, que a confrontação com a presença ou a ausência do pênis – referido como falo – exige da criança um posicionamento que levará à saída do complexo de Édipo. Bleichmar (1984) compara o complexo de Édipo à atração de limalha de ferro na presença de um campo magnético: o entorno não só interage com o sujeito como também o organiza. Ou seja, o Complexo de Édipo é estruturante do sujeito no sentido em que promove o recalque do desejo incestuoso (mecanismo que permite ao sujeito voltar-se para a cultura). O recalque, por sua vez, promove a amnésia infantil.

Freud (1905) relaciona a ausência de memórias sobre a infância com a histeria. O autor afirma,

“A amnésia histérica, que está a serviço do recalqueamento, só é explicável pela circunstância de que o indivíduo já possui um acervo de traços mnêmicos que deixaram de estar à disposição da consciência e que agora, através de uma ligação associativa, apoderam-se daquilo sobre o que atuam as forças repressoras do recalqueamento.” (p.90).

Bleichmar (1984) afirma que “a concepção da repressão, da censura, [estão estabelecidos] como o mecanismo que constitui um tratar de colocar fora da consciência do sujeito aquilo que o repugna” (p.13).

A existência de um eu investido narcisicamente pelos pais cria uma diferença entre o eu real (atual) e o eu ideal (‘sua majestade o bebê’) do que se foi para eles. A existência desse ideal será projetado no futuro na forma de um ideal do eu. A diferença é que o eu ideal é onipotente e o ideal do eu faz querer recuperar esse ideal, com o contexto da realidade. O ideal do eu, portanto, pressupõe a passagem pela interdição e implica no recalque.

O recalque se produz porque a proibição do incesto é internalizada. A criança tem a mãe como objeto. O pai aparece como quem impõe a Lei e impede a criança de permanecer nesse lugar. A frustração que esse movimento produz faz com que se instale um mistério do que é necessário para retornar ao ideal.

O que ocorrerá no período posterior, de latência, é um recalque das realizações diretas do desejo para o investimento no ideal do eu (cultural). A criança, portanto, tem que renunciar à relação sexual com os pais e se voltar para a cultura.

Em Freud (1905), temos a compreensão de que a pulsão passa a eleger canais socialmente aceitos como alvo da pulsão. O autor afirma

“Durante esse período de latência total ou apenas parcial erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais) (p.91)”.

Para poder atingir satisfação, o sujeito deve aceitar a lei. A criança, então, se identifica com um ideal de maneira a fazer circular a pulsão de maneira socialmente aceita. A identificação forma “um substituto dos investimentos objetais” (BEICHMAR, 1984, p.14).

A inscrição do sujeito como ser pulsional na cultura só será possível através da castração. O pai aparece como representante da lei que ajuda a organizar o desejo. A partir do momento em que a criança internaliza a lei de proibição do incesto, ela passa a buscar em outro lugar o que a satisfaz. Há aí a construção de um ideal de eu.

É possível perceber, então, que a sexualidade humana é vivida através do simbólico, da transmissão cultural. O Édipo é o momento em que a criança experimenta um drama com relação às questões de identificação e escolha de objeto. Esse é um momento fundante na vida do sujeito, pois é o momento em que se estabelece um “conjunto de sentimentos, de aptidões, de emoções, de ideias – ao qual chama de complexo – que existem no menino e na menina que orientam sua relação frente aos pais” (BLEICHMAR, 1984, p.11).

5. A neurose: patologia ou estrutura?

Segundo Ferraz (1997), Freud sugere já em 1898 os pilares da psicanálise, a saber, o recalque da sexualidade infantil:

“Por um curioso trajeto circular (...) é possível chegar a um conhecimento dessa etiologia e compreender porque o paciente foi incapaz de falar-nos qualquer coisa a respeito. Pois os eventos e influências que estão na raiz de toda psicose pertencem não ao momento presente, mas a uma época de vida há muito passada, que é como se fosse uma época pré histórica - à época da infância inicial; e eis porque o paciente nada sabe deles. Ele os esqueceu - embora apenas em um certo sentido.” (p.293-4).

Segundo Freud (1924), o recalque seria um dos destinos possíveis do complexo de Édipo. Nesse momento, Freud considera que existe a possibilidade do recalque levar ao completo desaparecimento do complexo ou então, o Édipo persistiria no inconsciente se manifestando através do sintoma.

Fica nítido que há uma hipótese de saída normal do complexo para Freud. Ao mesmo tempo, porém, ele afirma que a fronteira entre o normal e o patológico não é nítida. O sofrimento que pode ser normal no desenvolvimento, como explica Freud, pode se intensificar e atingir um nível patológico.

Segundo Roudinesco e Plon (1998), Freud definiu a neurose a partir de 1887 como “afecção ligada a um conflito psíquico inconsciente de origem infantil e dotada de uma causa sexual” (p.535). Segundo essa concepção, a neurose seria causada por um mecanismo de defesa contra a angústia e a formação de um compromisso entre essa defesa e a possível realização do desejo.

As modificações que decidem a emergência de uma enfermidade neurótica nos sujeitos a ela predispostos, são colocadas por Freud no texto *“Tipos de desencadeamento da neurose”* em 1912. Neste texto, o autor afirma que as causas da neurose dependem de modificações da libido no indivíduo. Portanto, são os destinos da libido que determinam a saúde ou a doença do indivíduo.

Segundo Freud, a disposição neurótica é determinada na evolução da libido, nas variedades congênitas e na influência do mundo exterior na primeira infância. O autor cita quatro causas pelas quais a libido fixa-se em uma fase do desenvolvimento psíquico e faz com que o indivíduo regride a pontos onde houve fixação anteriormente.

A frustração provocada pela perda de um objeto desejado pode provocar o estancamento da libido e submeter o indivíduo a um teste de quanta tensão psíquica ele aguentará e que outros caminhos pode eleger frente à impossibilidade. Nesse momento, o indivíduo poderá transformar a tensão orientada para o exterior ou sublimar. Freud afirma que o efeito imediato da frustração é despertar a atividade dos fatores dispositivos, deslocando a

libido para a fantasia, reativando assim, o que foi recalcado. Essa atitude cria um conflito entre a realidade e os desejos infantis do indivíduo.

Freud afirma também que determinadas mudanças internas de objeto (sem que haja impedimento externo imposto) podem gerar a incapacidade do indivíduo se ajustar, o que causaria um tipo especial de frustração. Nessa posição, o indivíduo só enxergaria um caminho possível para se realizar, colocando um ideal inflexível. Freud afirma ainda a possibilidade do indivíduo se inibir-se em uma fase do desenvolvimento ou ainda frustrar-se relativamente devido a um incremento na vida libidinal (o que também gera regressão).

Sendo assim, entende-se que a neurose aparece como um conflito entre o eu e a libido. Nesse momento, Freud não coloca diferença qualitativa entre neurose e saúde, o que nos permite entender que mesmo quem não sofre com sintomas também luta para dominar a libido.

A neurose, então, estaria baseada em uma divisão entre o afeto e a representação da ideia recalcada. A representação é recalcada e alojada no inconsciente e o afeto migra para o corpo, gerando ruído. Freud (1894) afirma

“Mas seu afeto, tornado livre, liga-se a outras ideias que não lhe sejam incompatíveis; e, graças a essa ‘falsa conexão’, tais ideias desenvolvem-se como obsessivas. Essa é, em poucas palavras, a teoria psicológica das obsessões e fobias...” (p. 64)

No artigo “*A Disposição à Neurose Obsessiva – Escolha da Neurose*”, de 1913, Freud afirma que a origem da escolha da neurose pode estar ligada às modificações das funções sexuais ou do eu, devido a pontos de fixação nos diferentes fases do desenvolvimento sexual infantil (fase oral, anal, fálica, latência e genital). A presença de comportamentos regredidos de fixação, então, seriam a causa do surgimento da neurose.

Já no texto, *“Neurose e Psicose”* (1925 [1923]), Freud aponta que, enquanto na neurose há um conflito interno do sujeito entre as exigências pulsionais do id e as manobras do eu para lidar com elas, na psicose há um conflito entre o eu e o mundo externo. Sendo assim, o eu da neurose estaria a serviço dos princípios morais encarnados no supereu – a partir do recalque.

O sintoma aparece na neurose, então, como representação substitutiva do desejo inconsciente. Mas seria somente frente à frustração que o desencadeamento da neurose ou da psicose se daria. Se o eu tenta silenciar os impulsos sexuais em função do mundo externo, ficará ao lado na neurose. Se o eu é arrancado da realidade em função desses impulsos, ficará do lado da psicose.

Em seu texto *“A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose”* (1924), Freud afirmará a diferença entre neurose e psicose de outra maneira. Constatando que em ambas existe uma perturbação da relação do sujeito com a realidade, ele posicionará a neurose como uma tentativa de fuga da realidade, sem que haja remodelação ou repúdio dela. Na neurose, então, o caminho seria a construção da fantasia, enquanto na psicose, a alucinação.

Apesar da distinção entre a neurose e a psicose ter ficado mais nítida posteriormente em sua obra, Freud aponta para a necessidade de se realizar entrevistas preliminares para diagnóstico diferencial desde muito cedo. Segundo Sadala e Martinho (2011) ao longo da obra de Freud surgiram alguns impasses com relação ao diagnóstico diferencial. No texto *“As neuropsicoses de defesa”* (1894), por exemplo, Freud divide as neuropsicoses (neurose — fobia, obsessões e histeria) e psiconeuroses narcísicas (psicose — paranoia e esquizofrenia), mostrando aí uma tentativa de delimitar as estruturas encontradas na clínica e suas expressões.

Posteriormente, Freud englobou na psicopatologia psicanalítica três tipos de formações sintomáticas: as neuroses atuais – cujo sintoma aparece como expressão de um conflito presente/atual pela ausência ou inadequação da satisfação, cujo mecanismo seria somático –,

as psiconeuroses – cujo sintoma aparece como expressão simbólica de um conflito infantil cujo mecanismo de formação é psíquico – e as parafrenias.

Após o desenvolvimento da segunda tópica, Freud passa a dar o status de organização estrutural à neurose, colocando-a ao lado da psicose e da perversão. Segundo Roudinesco e Plon (1998), Freud passa a colocar a neurose como oposição à psicose, sendo que ambas seriam provenientes de dois modos de clivagem do eu.

Freud, porém, não utilizou o termo “estrutura” com o sentido de demonstrar as “estruturas clínicas”, apesar do termo poder ser encontrado em diferentes momentos de sua obra. É a partir da leitura de Lacan sobre o texto freudiano que observamos a valorização da compreensão estrutural para o diagnóstico diferencial.

Segundo Sadala e Martinho (2011), Lacan utiliza os termos *Verdrängung*, *Verwerfung*, *Verleugnung*, utilizados na obra freudiana como marcos divisórios entre as diferentes estruturas clínicas. Segundo as autoras, a partir da leitura de Freud realizada por Lacan, “pode-se dizer que o determinante de uma estrutura clínica se situa do lado das defesas do sujeito”.

Lacan proporá, a partir do complexo de Édipo e da castração, uma ordenação da construção da identidade sexual a partir de três estruturas: a neurose, a psicose e a perversão. A castração seria o ponto de ordenação da sexualidade infantil, a partir do qual a criança construirá sua identidade sexual.

6. Conclusão

A partir da pesquisa da etiologia das neuroses, portanto, Freud se deparou com a questão da causação e, em última instância, da constituição psíquica e da formação da identidade sexual. Com relação à constituição psíquica, destacam-se dois aspectos

fundamentais: o caráter conflitivo deste processo e a importância do outro para que esta constituição aconteça.

A natureza conflituosa da constituição psíquica se dá devido aos aspectos pulsionais, do narcisismo e as identificações. Entende-se que há conflito no aspecto pulsional, uma vez que somos levados a desejar um objeto perdido e uma experiência que já passou. A renúncia à satisfação pulsional imediata tem um custo elevado e só pode ser suportada a medida que existem satisfações substitutivas às pulsões recalcadas. O sujeito precisa aceitar os objetos substitutivos que são aceitáveis pela cultura e oferecidos pelo outro. Essas satisfações substitutivas, porém, são sempre parciais, o que deixa um sofrimento (mal-estar) em todo ser humano – e nesse sentido, é constitutiva do humano.

Já do ponto de vista do narcisismo, entendemos que nossa relação com o outro (do ponto de vista da imagem que forma o eu ideal) ao nos colocar a questão de ser essa imagem (ser igual a) desejada pelo outro, nos coloca em uma posição de assujeitamento, querer ser o objeto do desejo do outro, que só pode levar a um movimento de busca de autonomia.

Isso nos leva a pensar nas identificações: não querer ser *igual a uma imagem* é um projeto negativo. O positivo disso é poder ser *diferente de*. Nesse ponto o pai vem em auxílio da criança. Ser como ele, que tem (para o menino) ou poder receber dele, que tem (para a menina), é a possibilidade de se autonomizar em relação ao desejo da mãe. Ser como ele não é ser igual a ele, mas com traços que tenham a ver com ele (como ideal do eu, e não é um novo eu ideal). O que o outro reflete, portanto, é a possibilidade de reencontrar o lugar perdido (de ‘majestade o bebê’) em seu desejo.

É nesse sentido que o outro (que se importa comigo) e seu desejo são necessários para que haja um resultado bem sucedido de constituição psíquica. A família, portanto, será cenário para fantasias inconscientes de desejo (incesto e rivalidade), assim como lugar de renúncia

pulsional. Somente assim o sujeito se inscreverá simbolicamente, através de sua entrada na cultura.

Ao mesmo tempo, o outro aparece como aquele que arrebatará com uma sensação primordial prazerosa, que guiará uma incessante busca por uma vivência que já passou. O aparelho psíquico aparece como articulador da montagem pulsional, proporcionando uma satisfação substitutiva. Vê-se, de saída, que esse outro (a mãe, no caso) precisa ter passado, por sua vez, por um processo de constituição bem sucedido.

Fica claro, nesse ponto, a diferenciação apontada por Freud entre neurose e psicose. Enquanto a neurose apontaria para um caminho de constituição realizada com maior sucesso, a psicose falharia na relação com a realidade. A neurose, assim (enquanto constituição bem sucedida) lançaria o sujeito à cultura e ao social, tornando-o apto ao convívio harmonioso com os outros: de um outro inicial inolvidável (Freud) aos outros.

Dessa maneira, é possível entender que o complexo de Édipo e da castração ordenam a construção da identidade sexual e do posicionamento do sujeito frente a realidade, a partir da relação que este estabelece com a Lei e a cultura. São as representações psíquicas transmitidas pelo casal parental como representantes socioculturais que fornecem acesso às representações simbólicas que permitem a constituição psíquica e o posicionamento do sujeito como ser desejante.

Referências Bibliográficas

BLEICHMAR, H. O Complexo de Édipo e o Édipo estrutural. In Introdução ao estudo das perversões. Teoria do Édipo em Freud e Lacan. Porto Alegre: Artes Médicas, p.9-16. 1984

BIRMAN, J. Corpos e formas de subjetivação em psicanálise. Fala do Segundo Encontro Mundial dos estados Gerais da Psicanálise, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/3_Birman_38020903_port.pdf

COELHO JR., N.E. A noção de objeto na psicanálise freudiana. Rio de Janeiro: Ágora, 2001, vol.4, n.2, pp. 37-49. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1516-14982001000200003&script=sci_arttext

FARIA, M.R. Constituição do sujeito e estrutura familiar: o complexo de Édipo, de Freud a Lacan. Taubaté: Cabral Ed. E Livraria Universitária, 2010.

FERRAZ, F.C. VOLICH R.M., (orgs.) Psicossoma I – Psicanálise e Psicossomática, S. Paulo, Casa do Psicólogo, 1997, pp 25 – 40.

FREUD S. As Neuroses de Defesa (1894). Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.III. Rio de Janeiro, Ed. Imago

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. A Disposição à Neurose Obsessiva – escolha da Neurose (1911-1913). In Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Vol.XII

FREUD, S. Introdução ao Narcisismo (1914). In: *Ensaio de Metapsicologia e outros textos*, Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Luto e Melancolia (1917[1915]). In: *Ensaio de Metapsicologia e outros textos*, Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Pulsões e destinos de pulsão (1915). In: *Ensaio de Metapsicologia e outros textos*, Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose (1924). Vol.XIX.

Freud 1924 / 1912

LAZZARINI, E.R. VIANA, T.C. O Corpo em Psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 22, n. 2, pp. 241-250, São Paulo, 2006.

MCDUGALL, J. Teoria sexual e psicanálise. In CECCARELLI, P.R. et al. *Diferenças sexuais*. São Paulo: Escuta, p.11-25, 1999.

MEZAN, R. Subjetividades contemporâneas. In: *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 257-272

MIGUELEZ, O. Narcisismos. São Paulo: Escuta, 2007.

OGDEN, Thomas. Os sujeitos da Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, PP. 4-5.

REIS, A.O.A., Resenha de: ROUDINESCO, E. Por que a psicanálise? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. 164p. ISBN 85-7110-540-5. *Psiquê*, no.7, ano V, p.179-183. Disponível em: http://www.smarcos.br/psyche/psyche_07.pdf

ROUDINESCO, E. Por que a psicanálise? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ROUDINESCO, E. PLON, M. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; 1998.

RUDGE, A.M. Pulsão e Linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

SADALA, G. MARTINHO, M.H. A estrutura em psicanálise: uma enunciação desde Freud. Rio de Janeiro: *Ágora*, 2011, vol.14, n.2, pp. 243-258. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982011000200006&lng=en&nrm=iso

SYLVEIRA, M.L. Teorias sexuais e neurose infantil. In: *A Criança e o saber*. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

ZORNIG, S.M.A.J. As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 1, p. 73-77, jan./mar. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a08.pdf>